



ANO LXX N.º 732
AGOSTO/SETEMBRO 2007
PREÇO: €0,46 PORTE PAGO

Missões Franciscanas

Mensário de formação e informação missionária

DIRECTOR:
VÍTOR MANUEL GOMES RAFAEL, OFM

FRANCISCANOS DA COLÓMBIA PROMOVEM ENCONTRO DE EVANGELIZAÇÃO E MISSÃO

No passado mês de Junho, entre os dias 25 e 29, decorreu na Universidade de São Boaventura, na cidade de Bogotá (Colômbia), um encontro internacional dedicado à «Missão e Evangelização em Chave Franciscana». Foi para mim, e por conseguinte para a Província Portuguesa, no que diz respeito ao sector das Missões, um bom momento para conhecer algumas realidades da Colômbia, bem como sentir a simpatia e o acolhimento dos irmãos da Província de Santa Fé

Foi muito interessante este curso sobre a Evangelização e Missão, organizado pela Província de Santa Fé, onde o Frei Gabriel Gutierrez, moderador para a evangelização missionária, teve um papel preponderante na sua organização e coordenação. Todos os sectores da Província se mobilizaram e responderam de forma muito positiva. De realçar o sector da formação inicial, com cerca de 30 professores temporários a marcar presença activa, dando também uma ajuda preciosa na parte logística.

Para além dos confrades das Províncias de Santa Fé e São Paulo, estiveram presentes irmãos do Equador, do Peru e da Bolívia. De Roma vieram os Freis Vincenzo

Brocanelli (Moderador Geral da Evangelização Missionária) e Inácio Néstor (Secretário Geral da Evangelização). De Portugal, Frei Vítor Rafael (Moderador para a Evangelização Missionária). Notou-se ainda a presença dos Irmãos Franciscanos de Santo António, várias religiosas franciscanas e irmãos da OFS. No último dia apareceu o Senhor bispo D. Hernán Alvarado Solano, Vigário Apostólico de Guapi, que presidiu à Eucaristia.

Devido à escassez de tempo, de que dispunha, não me foi possível visitar o Vicariato Apostólico de Guapi, onde existe uma comunidade Afro-descendente muito numerosa, situada junto à Costa do Pacífico. Este povo vive numa

condição um pouco à margem da grande sociedade colombiana, esperando que sejam reconhecidos os seus direitos fundamentais como povo étnico. Para o efeito existem movimentos que fomentam a inclusão nos diversos sectores da vida do País.

Os frades vivem em Guapi há mais de 50 anos. Como me foi referido pelo próprio Moderador Geral, Vincenzo Brocanelli, a missão franciscana encontra ali condições para testemunhar o nosso carisma de menoridade entre os mais pobres e de sermos solidários com os mais necessitados e assim, juntos, poderemos renovar o apelo do Evangelho que convida a seguir Jesus. Apreciamos este testemunho de vida e estamos

solidários espiritual e materialmente com o trabalho que a comunidade franciscana ali realiza.

Para a província de Santa Fé, esta missão acaba por ser uma grande bênção espiritual onde se revivem as características das nossas origens. Segundo referia o Moderador Geral, a Igreja aí implantada ainda vive numa situa-

ção muito frágil e precária nas suas estruturas ou, como ele dizia, num estado de «*edificatio Ecclesiae*». Neste contexto já são uma realidade as primeiras vocações «afro». Para os irmãos mais jovens (estudantes professores simples) é o local ideal para fazerem a sua experiência missionária num ambiente que os ajuda no seu crescimento e consolidação vocacional.

Ao terminar esta breve referência ao momento que considero precioso para a evangelização missionária, gostaria de poder sonhar alto! Uma vez que a Ordem Franciscana é uma Ordem internacional e universal, por que não acolher também na nossa Província dos Santos Mártires de Marrocos irmãos colombianos que sintam o chamado para saírem do seu meio, disponíveis ao convite do Evangelho e inspirados por Francisco: «Ide e sede irmãos de todos...»? Ou até algum de nós ir também para estas latitudes e outros con-



Fachada da Universidade Franciscana em Bogotá

tinentes? Durante séculos olhámos para África. Penso que não queremos deixar de continuar a fazê-lo, mas seria redutor e asfiantante não «arejar» as mentes e os corações com novos horizontes de missão.

Por último, termino com um agradecimento aos irmãos de «Santa Fé» pela hospitalidade e carinho que me dispensaram. Aos Professores Temporários de São Bernardino, um caloroso e fraterno abraço de Paz e Bem. A missão da Ordem espera por vós.

Paz e Bem.

Frei Vítor Rafael OFM



Frei Vincenzo Brocanelli - Mod. Geral das Missões

PELO SÉTIMO ANO CONSECUTIVO Setúbal envia jovens leigos em Missão

No passado dia 15 de Julho, na Fraternidade Franciscana de Nossa Senhora dos Anjos, em Setúbal, durante a Eucaristia comunitária das 11 horas, foram enviados em missão cinco jovens leigos missionários

O Procurador Nacional da UMF, Frei Vítor Rafael, coadjuvado pelo Guardião da Fraternidade, Frei José Miguel Fragoso de Castro Loureiro, e por Frei João Magalhães Gonçalves, impôs o «Tau» missionário aos jovens que este ano vão até ao planalto do Chimoio, em Moçambique. São eles a Ana Segura, a Mónica Lino, o José Pardal, a Ana Aleixo e a Ana Mafalda.

Deste grupo apenas a Mónica Lino segue pela segunda vez até terras moçambicanas, o que faz dela a «líder» do grupo. Recordemos que a Mónica foi professora de matemática no Seminário de Chimoio em 2003, quando ali era Reitor o actual Procurador Nacional da União Missionária Franciscana.

Estes jovens vão continuar os trabalhos desenvolvidos pelos grupos anteriores no sector do ensino: desde o Lar de São Gabriel, passando pela Escola «Criança Feliz» e pela Escolinha da Nilza, na Soalpo.

Terão ainda a tarefa de ir ao bairro junto da «Cabeça do Velho» para aí fazerem um estudo junto de um Centro de Apoio a crianças pobres liderado por um Pastor de uma Igreja Evangélica.

Esta será mais uma iniciativa que a UMF apoia com pessoal leigo e, quem sabe, com algumas ofertas que lhes sejam destinadas.

Desejamos-lhes as maiores felicidades nesta experiência proporcionada pelos Franciscanos. Agra-



Grupo de Missionários Leigos enviados em Missão, de Setúbal para Moçambique

decemos também desde já a sua disponibilidade em partilhar com os que lá trabalham o seu saber na área da educação.

Encomendamos estes cinco jovens à protecção de Santo António, padroeiro da União Missionária Franciscana.

Ficamos unidos em oração e aguardamos ansiosos o seu regresso para depois poderem partilhar conosco esta experiência missionária que, por certo, vai enriquecer suas vidas.

Que Francisco de Assis lhes mostre o caminho da Paz e do Bem! †

TEMPO A NÃO PERDER

Falar de férias pode parecer assunto vão num mensário de formação e informação missionária. Contudo, apostamos em vos oferecer uma leitura cristã do lazer e do veraneio. Proposta feita...

Pág. 3

DARFUR - IMPRESSÕES POLÍTICAS

José Ribeiro e Castro, Deputado Europeu, conta-nos as suas impressões da viagem que fez ao Darfur. Quanto viu e ouviu sensibilizou-o para a causa de um povo que sofre as atrocidades da fome e da guerra

Pág. 5

PARÓQUIAS EM COLÓQUIO

O Porto acolheu o Colóquio Europeu de Paróquias. Quatro dias de reflexão, sobre a estrutura tradicional da vivência cristã, deram um impulso renovador que urge divulgar e conhecer

Última Página

EDITORIAL

Neste tempo de férias o nosso jornal, como é hábito, acumula dois números. Assim, temos uma edição única de Agosto/Setembro

Aproveitamos para descansar dos trabalhos missionários levados a cabo durante mais um ano de actividades. Tempo ainda oportuno para descansar o corpo e relaxar a mente, dando-lhe assim a possibilidade de crescer mais na relação com Deus. Dizia Bento XVI que «o bom cristão sabe que as férias são um tempo oportuno para distender o físico e também para alimentar o espírito através de espaços mais amplos de oração e de meditação, para crescer na relação pessoal com Cristo e conformar-se cada vez mais aos seus ensinamentos».

Nestes dois meses várias são as festas e memórias dedicadas à Mãe de Jesus. Que-remos aqui honrar a Natividade da Virgem Santa Maria.

Maria é apresentada pela Liturgia como a «Virgem bela e gloriosa» que Deus amou com predilecção especial deste toda a eternidade, desde toda a criação, como sua obra-prima, enriquecida das graças mais sublimes e elevada à dignidade de Mãe de Deus e de bem-aventurada Virgem.

A Igreja celebra a Festa da Natividade de Maria com espírito de santa alegria, porque o seu nascimento é a aurora de nossa salvação. Com o seu nascimento é anunciada ao mundo a boa nova: a Mãe do Salvador já está entre nós.

Não sabemos se algum acontecimento extraordinário terá acompanhado o nascimento de Maria e os Evangelhos nada dizem sobre sua natividade. Nenhum relato de profecia, nem aparições de anjos, nem sinais extraordinários são narrados pelos Evangelistas. Só no Céu houve Festa, pois o Filho de Deus vê sua Mãe nascer.

Maria sempre teve uma vida simples. Aquela que vivia o seu quotidiano de maneira despercebida aos olhos dos homens dá à luz o Salvador. A humildade também lhe era característica, pois ela, sendo Rainha, apresentou-se sempre como serva obediente.

Também não temos registos da cidade onde nasceu Maria, mas, por ser conhecida como «a Virgem de Nazaré», intui-se que terá sido lá que Joaquim e Ana (avós de Jesus) receberam de Deus a pequena Maria. Cresceu como todas as jovens, mas distinguia-se por ser toda de Deus, guardando tudo em seu coração. A sua vida, tão cheia de normalidade, ensina-nos a agir em tudo com os olhos postos em Deus, numa contínua oferenda ao Senhor.

Maria é a aurora que preconiza a vinda do Sol, o «Sol de justiça» que nos mandou trazer à luz aqueles que estão nas trevas. E partimos a anunciá-Lo!

A todos vós que estais connosco neste itinerário missionário desejamos boas férias!

BEATO CLÁUDIO GRANZOTTO

Arte e Sensibilidade para louvor de Deus

Religioso professo da Ordem Franciscana, ficou marcado por uma extraordinária bondade e por uma fina sensibilidade para a arte, especialmente para a escultura. Dócil à acção do Espírito Santo, converteu-se, de jovem operário, em modelo para os religiosos na sua entrega total ao amor do Senhor; para os artistas, na sua busca da beleza de Deus; para os doentes, na sua adesão amorosa ao Crucificado. Foi beatificado pelo Papa João Paulo II a 20 de Novembro de 1994

Cláudio nasceu no dia 23 de Agosto de 1900 em Santa Lucia di Piave (Treviso, Itália). A sua família era economicamente modesta, mas profundamente cristã. A natureza dotou-o de vontade forte e de uma especial bondade, que o tornavam amável para com todos. O duro trabalho do campo e, posteriormente, os ofícios de carpinteiro e pedreiro moldaram o seu carácter e formaram-no no sacrifício e na generosidade. Aos quinze anos sentiu repentinamente a paixão pela arte, especialmente pela escultura, que rapidamente se converteu no maior sonho da sua vida. A 2 de Abril de 1918 viu-se forçado a partir para a frente de batalha, onde permaneceu durante quatro anos, combatendo em Roma, Forlì, Nápoles, Santo Arcaño da România e Albânia. Com 22 anos, graças à ajuda do seu pároco, Monsenhor Morando, ingressou, com grande sacrifício e admirável constância, na Academia de Belas Artes de Veneza, onde, aos 29 anos, obteve com a máxima classificação o diploma de Professor de Escultura.

Quando aos olhos do jovem e qualificado professor brilhava um promissor futuro, o Senhor chamou-o à Vida Franciscana, enxertando o seu ideal artístico no ideal ainda mais sublime da santidade. A 7 de Dezembro de 1933 entrou na Ordem dos Frades Menores, no Convento de São Francisco do Deserto, na região lagunar de Veneza. Na carta de apresentação ao Ministro Provincial dos Frades Menores de Veneza, o arcepreste de Santa Lucia di Piave escreveu: «A Ordem ganha não só um artista, mas também um santo».



«Cristo morto» - Mármore [1940/1941]

Começa a sua subida ao monte santo de Deus, um percurso que é marcado por um intenso amor a Deus: um total abandono nas Suas mãos; uma oração feita vida e que conduz com frequência Frei Cláudio à adoração diante do sacrário; o amor a todos, especialmente aos pobres e doentes; uma extraordinária e suave humildade; uma obediência pronta e generosa e uma radiante castidade.

À prática heroica de todas as virtudes alia uma piedade eminentemente eucarística e reparadora e uma devoção filial à Imaculada Conceição. Amou com todo o coração a Mãe de Jesus, a ponto de poder afirmar: «Sou escravo da Virgem!... A Virgem quer a minha salvação, porque desde há muito tempo me consagrei ao seu Coração Imaculado, do qual me considero escravo». Por amor à Virgem de Nazaré, construiu quatro Grutas de Lurdes, uma das quais - a de Chiampo - com as mesmas proporções que as Grutas de Massabielle, em França.

Frei Cláudio, que tinha escrito «Senhor, quando me concederes o dom dos espinhos terei a certeza de que aceiteste o sacrifício da minha vida», não recusou o dom final com que Cristo lhe quis mostrar a sua predilecção. Marcado com um tumor cerebral, no dia 15 de Agosto de 1947, no hospital civil de Pádua, encontra-se para sempre com Aquele a quem tinha confessado: «Quero viver e morrer dizendo e demonstrando que Te amo mais que todos os tesouros do céu e da terra». A Rainha dos Anjos, que ele tinha venerado e honrado com todo o coração, acolhia-o agora na morada celeste no dia da solenidade da sua Assunção, correspondendo assim aos desejos do seu servo: «No dia da Assunção, parto». Os seus restos mortais repousam em Chiampo, junto à Gruta de Lurdes, convertida, segundo a sua promessa, em «lugar de oração e de encontro com Deus para muita gente».

Ainda no início da sua vida franciscana, escreveu: «Desejava que a minha vida permanecesse escondida como um grão na areia». Mas o projecto de Deus para com este humilde frade menor era muito diferente. A fama de

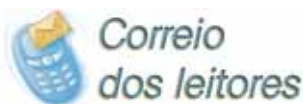


santidade, de que gozava já em vida, depois da sua morte difundiu-se rapidamente por todo o Vêneto e até por toda a Itália e por muitas outras partes do mundo. No dia 16 de Dezembro de 1959, o então Bispo de Vitorio Vêneto, Dom Albino Luciani, o futuro Papa João Paulo I, iniciava o processo diocesano sobre a vida e virtudes do artista franciscano. Este caminho concluiu-se no dia 7 de Setembro de 1989, dia em que o Santo Padre João Paulo II declarava a heroicidade das virtudes do servo de Deus, e no dia 6 de Julho de 1993 aprovava o milagre atribuído à sua intercessão, declarando-o válido para a sua beatificação.

Com a sua vida de artista, de franciscano e de fidelidade ao Evangelho, transmitiu uma mensagem de alegria e de esperança, tanto aos homens do seu tempo como aos dos nossos dias. Escultor de matéria inerte, que soube converter em testemunho eloquente da Beleza divina, Frei Cláudio Granzotto foi, sobretudo, um magnífico escultor de si mesmo: «Entreguei-me todo a Jesus. Isto exigiu de mim um grande esforço... Deixei-me moldar por Ele, de contrário vivíamos a vida em vão».

Em Cristo bebeu o ardor que converteu por inteiro a sua vida jovem num fogo de caridade. Com a santidade da sua vida heroica, aparece para a Igreja, para os artistas e para os homens dos nossos dias como expressão da humanidade nova que o Espírito de Jesus ressuscitado guia nos infinitos horizontes do Amor.

Frei Álvaro Silva, OFM



Saudoso Reitor Frei Vítor Rafael:

A vida torna-se uma festa quando sabemos desfrutar as coisas do dia a dia. Entendo que não existe uma liberdade completa para o indivíduo enquanto não existir liberdade e justiça para todos. Saúdo o Frei Vítor com fraterna amizade.

Espero que esteja passando bem e que encontre a merecida recompensa nos seus trabalhos missionários, com a ajuda do nosso padroeiro e protector Santo António.

Eu estou bem, graças a Deus. Sou seu «filho» e formando: Daniel José Mocha, de Nampula.

Agora encontro-me na Fraternidade do Noviciado. Sou noviço. Vesti o hábito no dia 15 de Janeiro de 2007, juntamente com Amílcar (de Gurué), Keoma (de Don-do) e Ramalho (de Gondola). Somos quatro noviços. Estamos animados no nosso propósito e ansiosos de um dia vermos o Frei Vítor na nossa fraternidade.

Eu e os irmãos agradecemos a Deus pelo espaço de oração que cada vez faz-mais parte na nossa vida.

Daniel José Mocha

Missões
Franciscanas

Propriedade da Província Portuguesa da Ordem Franciscana
Director e Chefe de Redacção: Vítor Manuel Gomes Rafael, ofm

Assinatura anual € 5,00
Assinatura benfeitor € 10,00
Avulso € 0,46

Depósito Legal n.º 60342/92
Registo de Imprensa n.º 102581
Contribuinte n.º 501 188 207

Membro da
Associação de Imprensa
de Inspiração Cristã

MISSÃO
P R E S S

Tiragem 11.500 exemplares

Redacção e Administração:

Apartado 1021
2401-801 LEIRIA
Telefone: 244 839 904 / 6 Fax: 244 839 905
Telemóvel: 916 200 803 E-mail: umfprocna@netcabo.pt
Home-page: www.uniao-missionaria-franciscana.org

REDACTORES: FR. ÁLVARO SILVA, FR. JOSÉ A. CORREIA PEREIRA, FR. LUIS DE OLIVEIRA,
FR. MARQUES DE CASTRO, FR. MARQUES NOVO

FÉRIAS: tempo a não perder!

Para muitos as férias são sinónimo de descanso, praia ou campo, muita televisão, alguma Internet e, sobretudo, nada fazer. E, para os cristãos, como pode ser vivido este tempo de merecido repouso?

Tempos houve em que se aspirava pelo «*dolce far niente*» - o nada fazer - e em que o máximo anseio dos trabalhadores - proletários esforçados - consistia nalgumas horas de descanso. Eram tempos de incipiente mercantilismo burguês, assentes em pragmáticas evoluções produtivas.

Houve tempos ainda mais longínquos, na ilustre Grécia, em que o ócio - que na altura se chamava *escola* - era bem mais que nada fazer. Os cidadãos (homens-livres das cidades-estado) utilizavam o tempo de que dispunham para a vida pública, no fórum e no mercado, para o governo da *polis* (política) e para o culto das Artes e do corpo. Nesse tempo florescia o engenho da língua e da retórica, da poesia e da escultura, da filosofia e da estatística. Nomes como os de Sócrates, Platão ou Aristóteles foram para sempre escritos na memória das eras e dos tempos.

Hoje, no tempo em que a maior parte dos trabalhadores já não são escravos, em que as entidades patronais recompensam vinte e dois dias úteis de tempo de férias, quando não mais, como podemos aproveitar estes momentos de fruição?

Há quem aproveite para nada fazer. Há quem aproveite para pouco fazer. E há quem aproveite para fazer!

Há estudantes que durante as suas férias se dedicam a frequentar cursos de aperfeiçoamento em línguas estrangeiras ou matérias nucleares; e aqueles que partem em busca de longínquos povos, raças e culturas; e, ainda, os que «descansam» na tarimba de uma palhota ajudando quem nada tem de seu: nem coisas, nem vida, nem tempo.

Há homens e há mulheres que aproveitam o tempo de férias para saírem com a família, para darem mais atenção aos filhos e aos consortes, para visitarem pais e avós exilados em qualquer lugar de um precioso e esquecido interior.

Vejam aqueles valorosos formadores que partem para «Campos de Fé-

rias», animando, orientando, divertindo os filhos de quem as não pode gozar em Agosto.

E eu? E tu? Ficamos recostados no sofá de nossa casa, no nosso espaldar da praia, na nossa cama-de-rede, a olhar para o vazio das nossas vidas, para o umbigo das nossas existências? Não! Partimos à descoberta do mundo novo. Rasgamos horizontes. Lemos um bom livro. Cultivamos a nossa vida interior numa oração mais calma e repousada. Ajudamos quem precisa do nosso cuidado e carinho.

Férias cristãs. Férias em que se possa (re)ver o rosto de Cristo. Férias em que se não faça do descanso um Deus, mas se utilize esse repouso em proveito da nossa vida e da vida dos outros. Férias franciscanas, em que a Paz e o Bem oriente os nossos passos, rumo à verdadeira felicidade do humano, à bondade de um sorriso, ao olhar de um obrigado, à ternura de um abraço sempre acolhido e sempre dado.

Férias? Sim! Mas sem o terrível embaraço de nada fazer.

Aristides Dourado, OFS



Informamos que já se encontram abertas as inscrições para as Jornadas Missionárias 2007

Contamos com a sua presença! Para isso, poderá fazer a sua inscrição, até dia 5 de Setembro, para a seguinte morada:

SECRETARIADO DAS JORNADAS MISSIONÁRIAS
Pe. Manuel Durães Barbosa
Rua Ilha do Príncipe, 19
1170-182 LISBOA

VOLUNTARIADO MISSIONÁRIO EM ALTA FUNDAÇÃO EVANGELIZAÇÃO E CULTURAS

O gosto pela missão e pela partida para países longínquos continua a estar no horizonte de muitos jovens portugueses. Todos os anos aumenta o número de jovens que aderem aos projectos de Voluntariado Missionário das várias entidades que os dinamizam. Aliás, o próprio número de entidades continua a aumentar ano após ano. Apesar das dificuldades em arranjar financiamentos, existem no nosso país 41 organizações que promovem este tipo de iniciativas, desde congregações a IPSS ou ONGD que se dedicam exclusivamente à dinamização de projectos no âmbito do voluntariado missionário e da ajuda ao desenvolvimento

Este ano são 263 voluntários que partem. O grande destino de partida destes voluntários são os países lusófonos da CPLP, com destaque, à semelhança do ano passado, para Moçambique, que receberá um total de 109 voluntários: 81 mulheres e 28 homens. As voluntárias representam, aliás, a maioria das pessoas no terreno. Apesar da ligeira descida de 77% para 73%, continuam a ser as mulheres quem mais parte em missão.

Angola é o segundo país com mais voluntários. Recebe 59, dos quais

45 são mulheres e 14 são homens. No entanto, é de referir que dois dos voluntários vão ser colocados nas Honduras e num enclave em Espanha, fora do território da CPLP.

Os tempos de permanência no terreno são variados, sendo que a maioria dos voluntários parte para o chamado voluntariado de «curta duração»: missões de um a dois meses, com a excepção de duas entidades que vão por seis meses. Outra fatia dos voluntários opta por tempos de permanência maior: períodos de um ano, renováveis.

Outro aspecto importante é o facto de muitos destes voluntários estarem a repetir a experiência. Uma percentagem de 25% destas pessoas que tiveram a experiência de partir em missão quiseram voltar a fazê-lo, o que mostra quão enriquecedoras são estas experiências.

Desde 2003 que a Fundação Evangelização e Culturas, ao funcionar



como Plataforma do Voluntariado Missionário, reúne os dados que contribuem para as estatísticas desta realidade que se tem vindo a consolidar ao longo dos últimos 20 anos. João Paulo II lançou o apelo «Portugal, convoco-te para a Missão», quando visitou o nosso país em 1998. Nestes últimos cinco anos Portugal correspondeu com 1386 respostas positivas no que concerne ao voluntariado em missão *Ad Gentes*. ☩

سُلْطَانٌ

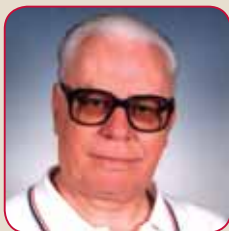
SULTÃO

Aqui me tens
de alma ajoelhada e o coração
aos pulos,
a pedir-te perdão
em nome do Senhor Nosso Deus
vim de longe
para falar à tua alma e ao teu saber
ouve a voz do teu Deus
que também é Pai
e concede-me o favor de rezar
contigo
neste lugar sagrado
sofrer com o pecado grande que é esta guerra
entre irmãos
na terra de Nosso Senhor Jesus Cristo.
Venho como peregrino de Paz.

- Vai . De coração magoado
a tua vida será para mim um tesouro,
as tuas palavras
uma lição...
nas tuas mãos leva o meu querer
a minha oração e a tristeza que me fica
no coração
de te ver partir.

J.M. Gonçalves

Frei Norberto Fernando Gomes



Cantando os louvores de Deus

Faleceu no dia 18 de Junho, calma e serenamente, como a lâmpada a quem falta o azeite que lhe mantém a chama acesa. Partiu rodeado pelos seus irmãos e algumas pessoas que o acompanharam nesses derradeiros momentos, em recolhimento e oração.

Contava 87 anos de idade, 69 de Profissão religiosa e 62 de Sacerdócio. "O Canto e a música eram para si a menina dos seus olhos", como muitas vezes dizia. Foi dos primeiros directores do Orfeão de Leiria e durante vários anos director e ensaiador dos Grupos Corais de S. Lázaro, Cabanelas e Parada de Tibães. Foi Professor de Música e Mestre de Coro dos nossos Colégios de Montariol e Leiria, tendo escrito diversas músicas para canto e Salmos Responsoriais para os diversos tempos do Ano Litúrgico.

Muitos amigos, nas suas exéquias, quiseram prestar-lhe uma última homenagem, que se repetiu no dia 24 com a Missa das 11H30 na Igreja de S. Lázaro, cantada com músicas da sua autoria.

Frei Henrique Perdigão, OFM



Muitas entidades ligadas à Igreja Católica em Portugal enviam, para os países de missão, jovens voluntários missionários que ousam promover a qualidade de vida desses povos

Há já vários anos que entidades ligadas à Igreja Católica em Portugal enviam para os países da CPLP, com especial incidência nos PALOP, jovens voluntários missionários que procuram dinamizar e levar a cabo projectos de desenvolvimento e animação missionária nesses países. Com algumas variações no número de voluntários, todos os anos partem para o terreno centenas de jovens, normalmente estudantes universitários ou recém-licenciados, com dois objectivos mais ou menos traçados: ajudar quem mais precisa e passar por uma experiência pessoal que lhes permita um crescimento emocional e pessoal, cujos frutos se vão revelar no seu regresso.

A Fundação Evangelização e Culturas (FEC) é a plataforma que serve de ligação das entidades de voluntariado missionário que existem um pouco por todo o país. Uma vez que as entidades têm origens diferentes e

EVANGELIZAÇÃO E CULTURAS FUNDAÇÃO APOIA O TRABALHO MISSIONÁRIO

modos de actuação também, por vezes, diferentes, seja na forma de recrutamento seja na própria duração da missão, a FEC surge então como pólo que agrega todas estas entidades e lhes dá ferramentas e auxilia nesta tarefa de gerir projectos de desenvolvimento e animação missionária.

VOLUNTÁRIOS NO TERRENO

Este ano, mantendo a média do ano passado, são 263 os voluntários que vão partir para o terreno. Destes, 65 partem em missões de longa duração - períodos de um a dois anos, renováveis - e 198 partem em missões de curta duração - um a dois meses, normalmente no Verão, e duas organizações com voluntários por seis meses.

São normalmente as raparigas que partem mais em missão. Esta é uma tendência que se tem mantido ao longo dos tempos e este ano não é excepção: 73% dos voluntários são mulheres. Quanto aos países que recebem voluntários, Moçambique é, à semelhança do ano passado, o país que recebe um maior número de voluntários: 87 no total. O tamanho do país, aliado à estabilidade política e às difíceis condições de vida das populações, faz com que este seja um destino muito utilizado pelas entidades que enviam voluntários para o terreno. A estabilidade política é, aliás, uma das razões que explicam o porquê de este país receber mais voluntários do que, por exemplo, Angola, que tem uma área idêntica e situações humanitárias tão ou mais graves. As dificuldades burocráticas e de instabilidade governativa não impedem, no entanto, que sejam enviados voluntários para lá, ainda que em menor número que o desejado ou necessário: este ano partem 44.

Outro aspecto interessante verificado este ano pela FEC é o facto de 25% destes vo-

luntários estarem a repetir a experiência, ou seja, a partirem em missão por mais do que uma vez. Isto é uma demonstração clara de que o trabalho feito no terreno, pelos voluntários, tem valor e produz frutos em quem vai, frutos esses que se revelam mais tarde quando decidem repetir a experiência, por vezes até num voluntariado de maior duração.

DIFICULDADES FINANCEIRAS

A formação é também um dos aspectos mais importantes nestes projectos: todos os voluntários têm de passar por um processo de formação, que visa prepará-los para aquilo que vai encontrar no terreno. Esta formação é dada muitas vezes por quem já esteve no terreno. A experiência de quem já foi é sempre uma das chaves para a melhor compreensão daquilo que espera o voluntário, no terreno.

É com bastante custo que as entidades de voluntariado missionário conseguem colocar esta quantidade de voluntários no terreno todos os anos. Apesar de algumas, devido ao número de voluntários que patrocinam e ao tipo de projectos que têm lá, funcionarem com alguns profissionais a tempo inteiro, a grande maioria destas entidades colabora por causa da boa vontade de algumas pessoas que vão levando para a frente os projectos e pedindo os apoios necessários para conseguirem financiar as viagens e a estadia destes voluntários lá. Os apoios vêm, em parte cada vez mais pequena, do Estado, através do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD), de fundações particulares e de donativos de pessoas, empresas e paróquias, que contribuem com o que podem para tornar esta ajuda possível.

Ricardo Perna - FEC
Dep. Plataformas e Comunicação



DIA 5 - «Festa Franciscana»

DIA 6 - «Capítulo das Esteiras»
«Purificação da Memória» e Eucaristia
Terço na Capelinha e Procissão

DIA 7 - Terço na Capelinha
Procissão e Eucaristia no Recinto

FRATERNIDADE DE SÃO FRANCISCO - AÇORES Renovação das estruturas missionárias

A convite do Frei Francisco Sales, de 19 a 23 de Julho o Procurador Nacional da UMF, Frei Vítor Rafael, deslocou-se à fraternidade de São Francisco, na Ilha Terceira. A residência franciscana situa-se no Caminho de Baixo, nº 41, a caminho de S. Mateus

Assuntos relacionados com a Procuradoria dos Açores e a necessidade de ajudar nas eucaristias do XVI Domingo foram o motivo de tal deslocação. A fraternidade neste momento é composta pelo Frei Luís Sabino, pelo Frei Mário Jorge, que ainda se encontra em Faro, e pelo Frei Luís de Sousa. Estes três irmãos são naturais do Açores. Lá, ainda se encontram o Frei Francisco Sales e o Frei José Santos Ferreira, que virão trabalhar para o Continente.

O Frei Luís Sabino vai ser o novo Procurador local da UMF. Esperamos que, num futuro bem próximo, seja possível programar acções de animação missionária pelas várias paróquias para que a UMF continue

a ter uma presença activa e visível naquele arquipélago. O Frei Luís Sabino ficou animado com a ideia e de imediato iniciou já a distribuição de algum material missionário pelas Zeladoras da ilha.

No domingo, Frei Vítor Rafael celebrou na Freguesia de Vila Nova e na Paróquia de Santa Luzia, em Angra. As eucaristias tiveram um número significativo de fiéis. Houve ainda a possibilidade de dar algumas informações sobre a actividade dos Missionários Franciscanos. Algumas

pessoas sentiram-se interpeladas e inscreveram-se como assinantes do «Missões Franciscanas».

Da nossa parte desejamos ao Frei Luís Sabino uma boa integração no seu novo trabalho e também junto de todos os que colaboram com a União Missionária Franciscana. Aos restantes irmãos da Fraternidade Franciscana de São Francisco e aos que conosco colaboraram o nosso obrigado sincero. PAZ E BEM!

Frei Vítor Rafael, OFM



Frei Luís Sabino (novo Procurador da UMF nos Açores) e Frei Vítor Rafael

A ESPERA DO DARFUR



Darfur é um daqueles lugares de inquietude que, volta e meia, interpelam o mundo inteiro. O Darfur são milhões à mercê da assistência internacional ou da desgraça absoluta. Milhões de homens e mulheres, de crianças e de velhos, à espera. Dependentes. Vulneráveis. À espera.

Estive lá. Visitei campos perto de El Geneina, capital do Darfur oriental: Kindring I e Kindring II. Estive em Kebkabyiah, que recebeu directamente na cidade 40 mil deslocados, caídos assim de repente sobre uma população de 20 mil. Fui a Nyala e a El Fashir, capitais dos Darfur sul e Darfur norte. Visitei outros campos – Kirigou e Koloma – no vizinho Chade oriental, em Goz Beida, no Ouaddaï, para onde a guerra do Darfur transborda.

Darfur é um imenso quase-deserto, mais deserto a norte do que a sul. Um deserto assim do tamanho da França, quase seis vezes Portugal, onde viverão 6 milhões de pessoas, 40 por cento nómadas. As tribos africanas – os Fur (que dão nome à região), os Massalit e os Zaghawa – são predominantemente agricultores sedentários, fixados nas suas aldeias e vilas. As tribos árabes, divididas por seus grupos e clãs, são sobretudo nómadas, criadores de gado ou de camelos.

Os nómadas, já se sabe, não são bem de parte nenhuma e são de todo o lado. Muitos deles poderiam também dizer-se chadianos ou líbios. E alguns deles de qualquer outro lugar daquela extensão enorme do Sahel, da Eritreia ao Mali. Romperam no conflito do Darfur ecos mal tratados de outras guerras vizinhas do passado bem recente: a guerra Chade/Chade e a guerra Líbia/Chade.

É de imaginar que o convívio entre nómadas e sedentários nunca fosse cem por cento pacífico. Mas a História actual evoca-o normalmente pacífico. Os nómadas deslocam-se tradicionalmente norte/sul, acompanhando a linha da estação das chuvas, escassos meses de água do céu naquela vastidão desértica. E, além de um convívio entre nómadas e sedentários ditado por razões de comércio, havia também um convívio na terra escassa, por razões agrícolas: o gado e os camelos dos nómadas, que pastavam ciclicamente nas terras agrícolas dos sedentários, fertilizavam-nas também.

A paz ancestral foi perturbada pela grande seca de 1983/84 – uma catástrofe que vitimou um milhão de pessoas até à Etiópia, com imagens de televisão que ainda guardamos na memória. Esse violento ataque da desertificação, que hoje muitos associam às alterações climáticas, nunca mais permitiu a estabilização do uso da terra. Os pequenos conflitos pela terra escassa foram-se sucedendo. E o governo de Cartum terá, nesses conflitos, tomado o partido dos nómadas contra “africanos”.

Pelo meio, a política envenenara as coisas com a agenda da “supremacia árabe”. Um discurso muito presente naquelas capitais, que Kadhafi incendiou no final da década de 80, armando nas tribos nómadas a sua Legião Árabe. Perdeu no Chade, mas o rasto nunca se apagou.

No fundo de tudo, décadas e décadas de abandono e esquecimento da administração central de Cartum pela província remota do Darfur, um reino antigo integrado no Sudão em 1916, sob domínio anglo-egípcio.



É este caldo que se entorna em 2003: a crise ambiental e a luta pelos recursos escassos da terra, agravadas pelo longo sentimento de exclusão da periferia e por acusações de favoritismo pró-árabe e anti-africano do governo de Cartum, desencadeiam a revolta dos movimentos rebeldes “africanos”.

Cartum piora as coisas. Azeda o caldo entornado. E, fosse por ser verdadeiro o favoritismo da “supremacia árabe” ou tão-só por estar militarmente enfraquecido pela longa guerra civil no sul do Sudão, o Governo incita contra a revolta as milícias árabes, os janjaweed, onde se encontra ainda o rasto da sementeira de Kadhafi, lançando-as contra os “africanos” rebeldes. As atrocidades sucedem-se numa guerra por procuração. E abre-se uma crise de traços terríveis. Diz a ONU, a maior crise humanitária dos nossos dias.

É mais fácil desencadear estas forças terríveis do que controlá-las e vencê-las. Hoje, é difícil saber quando e como a crise terminará.

O cessar-fogo assinado em 2005 não é cumprido, a começar pelo Governo, que continua a bombardear. A força internacional da União Africana tem mandato e meios insuficientes e desacreditou-se, no entretanto. O Governo resiste à presença militar das Nações Uni-

das e há muitas incertezas ainda quanto à chamada “força híbrida”.

O acordo de paz de 2006 sofreu de precipitações e manipulações políticas que fizeram piorar muitas coisas no terreno: a fragmentação dos grupos rebeldes acentuou-se, fenómenos de puro banditismo cresceram, há mortos na força de paz da AMIS, organizações humanitárias são atacadas, prossegue a brutalidade sobre as populações e sobre as mulheres em especial, a circulação por terra é cada vez mais crítica, o sentimento de medo e insegurança é generalizado. Há ódios que foram avivados e vai ser difícil fazer recuar, mesmo depois de as armas se calarem de vez.

Foi este Darfur que eu vi. Extrema dependência, evidente volatilidade, enorme vulnerabilidade. Darfur à espera. Não já do seu Governo, que não cumpre, ou porque não quer, ou porque não pode. À espera de que a Comunidade Internacional que alimenta milhões lhes traga com efectividade o pão de que mais precisam: paz e segurança. A segurança indispensável a que o processo político possa desenvolver-se com solidez. A segurança indispensável a que o principal possa seguir-se: desenvolvimento.

José Ribeiro e Castro
Deputado Europeu

FRANCISCANAS MISSIONÁRIAS DE MARIA EM CAPÍTULO PROVINCIAL

As Irmãs da Província Portuguesa do Instituto das Franciscanas Missionárias de Maria vão estar reunidas em Capítulo Provincial, de 05 a 12 de Agosto de 2007, na Casa de Arcozelo (Barcelos)

«Um Capítulo é um Encontro Fraternal, um Acontecimento Pascal», afirmou o Cardeal Eduardo Pirróneo.

▶ É Encontro Fraternal porque expressão do amor que nos une e reúne em comunhão de Comunidades e estruturas provinciais, de três em três anos, para avaliar e programar nossa vida e missão.

▶ É Acontecimento Pascal enquanto exigência de passagem a uma vida nova e novo ardor missionário, em dinâmica transformadora e busca de respostas proféticas às necessidades que nos desafiam no hoje da História.

No nosso Instituto o Capítulo Provincial nunca é electivo. Desta vez, o Capítulo, convocado e presidido pela Provincial cessante, Ir. Maria Celeste Lúcio, tem entre as participantes a Superiora Provincial recentemente eleita, Ir. Maria de Lurdes Farinha Alves, que entrará em funções nos fins de Outubro 2007.

Assim, o actual Capítulo Provincial é vincadamente acontecimento fraternal e pascal.

Este XV Capítulo Provincial tem por tema: «Entrega radical de Cristo e Missão». Serão seus objectivos:

1. Interiorizar a entrega radical de Cristo, mistério pascal com ponto culminante na sua morte e ressurreição, certeza do triunfo da vida sobre a morte.

2. Situar o processo do Instituto desde o Capítulo Geral 2002 e respectiva

envolvência das comunidades da Província de Portugal.

3. Partilhar vivências do caminho aberto pelo nosso empenhamento em «Renascer da nossa própria Realidade» (cf. CGA 2006).

4. Avaliar a efectivação do Plano da Província 2003-2007.

5. Partilhar as nossas esperanças, projectadas no futuro sempre emergente, e operacioná-las em planos concretos.

Este Capítulo Provincial tem outra particularidade. A sua preparação articulou-se com a preparação em curso do Capítulo Geral, convocado para Setembro de 2008, em Roma. Então este Capítulo Provincial será um tempo privilegiado para responsabilização participativa da Província de Portugal no Capítulo Geral, e os seus planos,

agora votados, receberão nova força e novo incentivo do próximo Capítulo Geral.

Estamos diante dum estímulo de convergência do Capítulo Geral (que se reúne de seis em seis anos), do Capítulo Provincial (que se reúne de três em três anos) e do mandato da Superiora Provincial (de quatro anos): apelo a conjugação de dons e empenhamentos.

Na Província de Portugal, somos 223 Irmãs em 26 Comunidades. O processo capitular foi preparado por todas as Irmãs: Retiros, Participação comunitária através de esquemas comuns e Encontros inter comunitários pré-capítulo.

Sentimo-nos assim irmanadas em corresponsabilidade, prontas a assumir o que irá ser decidido e comprometidas com a sua posterior efectivação.

Helena Maria de Figueiredo Coragem, FMM e Maria Rosária Nunes, FMM





Dantes, os missionários partiam para outras terras por toda a vida. Hoje, é muito raro que um missionário esteja toda a vida numa só terra. Assim acontece também com os missionários franciscanos, que mudam não só de missão, mas até mesmo de continentes. Foi o que aconteceu com o Frei Jesus Galeote Tormo, de origem espanhola, primeiro missionário na Bolívia e agora enviado para a Tailândia

A missão é encontro, mudança e colaboração entre Igrejas irmãs e, quando todas estas realidades estão bem vivas e crescem, o missionário, pelo seu próprio dinamismo carismático, é chamado a partir de novo para outros

sítios, onde a Igreja não está ainda instituída e onde o carisma de São Francisco de Assis ainda não é conhecido. Assim fez o Frei Jesus que, mal chegou ao continente asiático, fez um balanço da sua experiência na América latina.

A vida missionária do Frei Jesus iniciou-se logo após a sua licenciatura em medicina:

«Saí de Espanha no fim dos estudos em Salamanca, tendo às costas uma experiência da pastoral juvenil no âmbito dos 'ROM' em Ávila. O meu primeiro contacto com os povos indígenas da América foi em Ascensão de Guarayos, terra onde vive um povo evangelizado pelos franciscanos italianos, austríacos e alemães, os quais, trabalhando com as vocações locais e na formação dos catequistas, têm feito crescer a comunidade, fazendo ali nascer uma Igreja local e uma futura diocese. A minha relação com a comunidade cristã não era muita, porque a minha primeira ocupação era exercer medicina no hospital de Santo António de Lomerio, no Vicariato Apostólico de Nuflou de Chavez».

MISSIONÁRIO EM DOIS CONTINENTES

A população indígena desta zona pertencia à etnia dos Chiquitos, com origem nas antigas 'reduções' dos jesuítas, vindo posteriormente a instalar-se na selva para fugir à escravidão. O Frei Jesus não estava só nesta experiência na Bolívia, tinha um precioso colaborador:

«Éramos dois franciscanos, eu e um irmão polaco que se chamava Adalberto. Partilhámos a vida fraterna e os projectos missionários durante quase sete anos numa mútua colaboração: ele como pároco e eu como médico no hospital e em diferentes trabalhos na área da saúde, com a responsabilidade das vocações e da formação no campo da saúde, numa região muito extensa, com poucos meios cirúrgicos para resolver situações de emergência, especialmente no que se relaciona com a saúde materno-infantil e traumatologia. Durante este tempo dediquei-me ao estudo das 'culturas nativas' (já tinha aprendido alguma coisa nos contactos com os ciganos em Ávila) e dediquei-me também a aprender a língua chiquitana, base da cultura, tendo como professores as crianças e os jovens. Formámos um grupo de estudo e pesquisa da língua nativa. Isto permitiu-me escrever uma gramática chiquitana com um vocabulário-base. Do mesmo modo animámos o trabalho com os líderes religiosos, existentes nas comunidades rurais e indígenas, os

quais reuniam as pessoas para as celebrações litúrgicas religiosas e para a preparação dos sacramentos, sendo um pouco o braço direito dos sacerdotes na comunidade e nos bairros. Graças a eles recolhemos orações tradicionais, transmitidas oralmente de pais para filhos, e publicámos também o «Ordinário da Missa» em «chiquitano». Com o pessoal do hospital fizemos um manual de «Saúde Familiar» e, com os responsáveis populares deste sector, promovemos acções de formação nesta área, com enriquecimento mútuo através do diálogo e troca de conhecimentos. Depois das visitas às comunidades procurávamos recolher junto dos idosos noções de medicina tradicional chiquitana».

Após esta etapa, surge ainda outra na Bolívia, sobre a qual Frei Jesus nos fala com entusiasmo:

«O meu segundo destino missionário foi São Xavier, a primeira das antigas missões dos jesuítas entre os Chiquitos, declarada pela UNESCO património da humanidade. Em São Xavier fui pároco, dedicando-me ao exercício da medicina apenas como

voluntário, exercendo-a em casos urgentes. Foram anos de aprofundamento da experiência pastoral na missão, anos muito felizes marcados pelo nascimento de comunidades eclesiais de base, com grande participação de leigos e de Irmãs, com o crescimento da vida a partir de Deus e a leitura da Bíblia a partir da vida. Fizemos tudo o que era necessário para o crescimento da comunidade, trabalhando especialmente no melhoramento das habitações e da convivência nos bairros, sem esquecer de celebrar a fé em comunidade, partilhando o café e a dança».

Deixou a Bolívia um dia depois da tomada de posse do novo presidente, Evo Morales, com grande expectativa no que iria suceder, particularmente aos povos indígenas, e partilhando a desconfiança de largas faixas da sociedade. Frei Jesus prepara-se para assumir os novos desafios da missão no continente asiático. Que o Senhor o abençoe, bem como aos novos cinco Irmãos agora na Tailândia.

Frei Vincenzo Borcanelli, OFM
Tradução de Frei Álvaro Silva, OFM



BABEL DOS TEMPOS MODERNOS



Segundo a Bíblia, depois do dilúvio havia apenas uma língua em toda a terra. Pressionados pelos rudimentares meios de exploração dos recursos naturais dos terrenos onde residiam, os clãs dos descendentes de Noé foram forçados a dispersar-se. Saindo do Oriente, alguns chegaram à planície das terras de Senaar (Babilónia), onde resolveram fixar-se. Logo que acoitados e satisfeitos, resolveram construir uma cidade nova e, no centro desta, o seu orgulho levou-os a levantar uma torre, cujo topo devia atingir os céus. E logo disseram: «Assim nos tornaremos famosos para nos não obrigarem a dispersar por toda a terra». Para cúmulo do descaramento deram à torre o nome de Babel (forma hebraica de Babilónia) ou «Babilú», que significava «porta de Deus». Puseram um tal orgulho na obra que em breve se desentenderam e a situação complicou-se de tal maneira que Deus não permitiu a acabassem e, para castigar as suas maldades, confundiu as suas linguagens

Pode dizer-se que a civilização humana começou com a agricultura, o trabalho manual dos campos, a cuja nobre função se atribui origem divina. Só a revolução industrial no século XIX ajudou a modificar a mentalidade humana de amor à terra, que era o fulcro da educação familiar. O fenómeno industrial alterou a técnica e as formas da sociedade, as instâncias económicas, políticas e sociais, do que resultou a migração das pessoas para zonas que lhes garantissem uma melhor qualidade de vida.

Foi então que o orgulho dos homens os levou a tentar construir uma nova Babel, não em pedra, mas com a argamassa da adoração e vistosa democracia política, alicerçada na economia, infectada pelo vírus da injustiça social, desrespeito pelos direitos humanos, exclusão dos indefesos, ganância, inveja, narcisismo, cobiça, perversidade, egolatria, guerras, etc., etc. O que veio a acarretar grandes complicações. A retórica da economia permitindo todas estas diatribes, espezinha quotidianamente todos os princípios da felicidade humana, levando a que não haja dia sem assaltos, raptos, pilhagens, assassinios, prisões, desempregos, etc.

A esta torre imaginária deram o pomposo nome de Democracia, que em grego significa «GOVERNO DO POVO», adulterada pelo capital financeiro que espelva a

ganância, corrupção, cobiça, inveja. A confusão é tal que o primado da economia, infectado pela ganância do maldito dinheiro e pela corrupção, está a dar cabo da família humana. Cinicamente, o fim último é sempre o económico. A obcecação pelos bens materiais é tal que os leva a guerrearem-se – e algum dia alguém ganhou algo envolvendo-se numa guerra? Os responsáveis internacionais devem reflectir sobre isto e decretarem a proibição de todas as guerras.

É que o primeiro dever dos responsáveis políticos no exercício das suas funções é a promoção do bem-estar de todo o ser humano. Para que tal aconteça, basta que os responsáveis internacionais, se realmente querem uma humanidade feliz, em vez de andarem com paliativos que nada resolvem (veja-se o caso de erradicação da pobreza), se resolvam a seguir os conselhos da Igreja Católica, proclamando o primado das poderosas e benfazejas armas da paz e da caridade, para resolver duma vez para sempre todos os problemas com que a humanidade se debate.

O sacramento da caridade é a Eucaristia, na qual Cristo, oferecendo-se a si próprio,

revela o seu amor pelo bem-estar dos homens, pelo qual todos sem excepção ansiamos. Só assim se cumprirá a máxima cristã: «AMAI-VOS UNS AOS OUTROS COMO IRMÃOS».

E então sim! Quando todos virem os seus direitos respeitados e a pobreza erradicada da face da terra, a Humanidade entrará na era do império da Democracia, limpa das actuais barbaridades!

Mário Carapinha

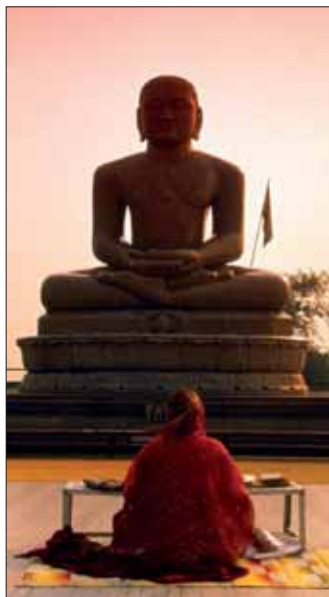


UMA ASSINATURA PARA AS MISSÕES

Os missionários e missionárias, catequistas e animadores das comunidades nas Missões Franciscanas de Moçambique, Guiné-Bissau e outras paragens gostam de receber o nosso Mensário. Com um grande esforço o vamos enviando como

oferta, com o objectivo de chegar às comunidades mais distantes que os missionários visitam, em alguns casos de longe em longe! Recordamos que o «Missões Franciscanas» chega a mais de 20 países, tais como Timor, México, África do Sul, Zâmbia, Austrália, Brasil, Colômbia, Macau, São Tomé e Príncipe, etc., num total de algumas centenas de assinaturas.

Basta escrever-nos e enviar a oferta para a respectiva assinatura. Na volta do correio indicaremos a que missão se destinou. Colabore com os Missionários Franciscanos, que incansavelmente não «desarmam» no seu trabalho missionário. OBRIGADO!



A Província da Índia abriu duas frentes de trabalho nas distantes regiões do Nordeste do país, nos limites com a China e com Myanmar

FRANCISCANOS NA ÍNDIA Promoção dos valores evangélicos

Uma destas Fraternidades localiza-se no bairro Kamrup, ao Norte da cidade de Guwahati, e a outra na próxima diocese de Bongaigaon, na localidade de Salbari, que está no centro de oito vilas. Ambas estão no Estado de Assam e perto das tribos locais; as principais são os Bodos e os Garos, que vivem geralmente nas montanhas, separados da população local e das castas hindus. Estas tribos vivem na marginalidade, na pobreza e com falta de todo o serviço social. Têm línguas próprias e conservam antigas tradições e valores humanos. São também as mais abertas à mensagem cristã e delas vêm muitas vocações. Nessas regiões, a Igreja Católica é muito jovem, ainda em formação, mas em rápido desenvolvimento: somente em Guwahati, em poucos anos, passou-se de uma para quatro dioceses.

A presença dos Frades Menores visa apoiar a Igreja local, valorizar as tradições locais pela promoção dos valores

evangélicos e trabalhar na educação dos filhos das tribos do lugar. Por isso, ambas as fraternidades se ocupam com escolas para crianças, que são o melhor meio para entrar em contacto com as famílias.

Numa visita, em meados de Maio deste ano, Frei Ambrósio Van Si, Definidor Geral, e Frei Vincenzo Brocanelli, Moderador no Estado de Assam, constatarem pessoalmente as condições de grande necessidade em que se encontram os cristãos e as tribos locais, e também a grande importância dessas presenças para nós e para o nosso futuro.

Estes nossos confrades estimularam os Irmãos a desenvolver as suas Fraternidades e a elaborarem um projecto de «fraternidade-em-missão» no sentido mais global e concreto possível, tendo em vista que as duas presenças podem vir a ser transformadas numa Fundação da Província.

MF / FRATERNITAS



Urge ter coragem para denunciar abusos

Na Peregrinação Internacional de Julho a Fátima, o presidente da Conferência Episcopal Portuguesa afirmou que os católicos devem ter a coragem de apontar os erros aos prepotentes. A Misericórdia é a mensagem e o segredo de Fátima, lembrou Dom Jorge Ortiga, lançando de seguida um apelo: «Hoje como discípulos de Jesus Cristo, chamados a ser como Ele, misericordioso, somos também chamados à coragem que pode até suscitar incompreensão, de apontar o erro dos prepotentes de colocar o erro em muitas feridas da humanidade: desde o lucro fácil à corrupção; da violência ao terrorismo; da exploração ao aproveitamento dos inocentes; dos crimes contra à maternidade às condições de vida degradantes». O prelado lembrou, também, que o ensinamento de Fátima dá liberdade aos cristãos. «Quem se ajoelha para adorar a Santíssima Trindade como os Pastorinhos é livre para se dar na misericórdia sem ser oprimido por qualquer poder, pretensamente absoluto».

Cada baptizado é Missionário de Cristo

Bento XVI afirmou que todos os baptizados são missionários de Cristo com as suas palavras e com o seu testemunho de vida. O Papa considerou que o Evangelho «desperta em todos os baptizados a consciência de serem missionários de Cristo, chamados a preparar o caminho com as palavras e com o testemunho de vida». O Papa ressaltou também que «Cristo não se limita a enviar, Ele também dá, aos missionários, regras de comportamento claras e precisas. Acima de tudo envia-os 'dois em dois', para que se ajudem mutuamente e testemunhem o amor fraterno». Adverte-os de que serão «como lóbulos no meio de lobos»: desta maneira terão de ser pacíficos e levar a cada situação uma mensagem de paz», indicou.

O desenvolvimento deve ser integral para ser autêntico

O arcebispo Agostino Marchetto, Secretário do Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e Itinerantes, interveio no Fórum Global sobre Migração e Desenvolvimento, que decorreu de 9 a 11 de Julho, em Bruxelas, na Bélgica, sublinhando que o desenvolvimento «deve ser de cada pessoa e de toda a pessoa, ou seja integral», porque no centro há sempre pessoas humanas, «dotadas de uma dignidade inata e de iguais e inalienáveis direitos». «Na medida em que as exigências morais, culturais, espirituais e religiosas dos indivíduos e das comunidades não forem respeitadas, o bem-estar material resultará insatisfatório», observou o prelado.

MF/ECCLESIA

PROJECTOS MISSIONÁRIOS DA ORDEM À NOSSA ESPERA

Tendo em conta as inúmeras necessidades sociais que existem nas missões onde os franciscanos trabalham, achámos por bem, para conhecimento dos nossos leitores apresentar ao longo dos próximos números do jornal, alguns projectos missionários. Serve também para que todos saibam o melhor possível onde estamos e quais as áreas de intervenção que tem a Ordem Franciscana. A nossa intenção tem carácter informativo



CASA DE ACOLHIMENTO PARA DOENTES INFECTO-CONTAGIOSOS

A Tailândia, meta de um florescente turismo sexual, é invadida pelo flagelo da doença do HIV.

Desde 1993 os Frades menores gerem em Lamsai, a Clínica de Santa Clara para estes e outros enfermos, em colaboração com as autoridades civis e com os Monges budistas da região.

Até aos nossos dias cerca de um milhar de pacientes já foram colhidos e tratados neste centro. A muitos lhes foi proporcionada dignidade nos últimos momentos da sua vida. A alguns lhes foram dadas exéquias encomendando-os à última morada, a outros que tem melhoras são depois de acompanhados podem voltar às suas famílias fazendo um acompanhamento ambulatorio.

Os que são portadores de doenças infecto-contagiosas acabam por ser marginalizados da sociedade e afastados das suas famílias: os Franciscanos ali os acolhem e os curam e acompanham a nível humano e espiritual, ali os reaproximam às famílias, partilhando uma esperança que não morre.

Este centro de Santa Clara tem necessidades de ajuda, no que diz respeito a benfeitorias, para poder continuar o seu serviço num valor de 40.000 Euros por ano.

CENTRO DE ESPIRITUALIDADE

O povo tailandês conserva um profundo sentido religioso e é aberto ao cristianismo. É um apoio sensível ao espiritual e procura lugares onde possa meditar, reflectir e partilhar também com outras religiões. Os frades menores em Lamsai



Frei Vitor Rafael, OFM



VARATOJO - RETIRO E ENCONTRO MISSIONÁRIO

- A Procuradoria da UMF de Varatojo vai iniciar o novo ano de actividades, nos princípios de Novembro, com o costumado Retiro. Começará no dia 2 de Novembro, à noite, com o jantar, prolongando-se até ao dia 4 (Domingo), a meio da tarde. As inscrições (para dormidas) serão em número ilimitado.
- O último dia (Domingo, dia 4) é aberto a todas as pessoas que aparecerem, a partir das 10.00 horas, com um momento de reflexão missionária (10H30), celebração da Eucaristia (12H00), almoço partilhado e Magusto (a meio da tarde).
- Convém os zeladores/as da UMF fazerem a sua inscrição para o Retiro com a devida antecedência e de cada terra comunicarem o número de pessoas que vêm no dia do encerramento.



PORTO: COLÓQUIO EUROPEU DE PARÓQUIAS

Decorreu na Diocese do Porto, de 9 a 12 de Julho, o Colóquio Europeu de Paróquias. Diversos temas foram apresentados: Joel Morlet, do Instituto Católico de Paris, perguntou se «Após a secularização» haveria lugar para «uma Europa cristã»; J. Franclim Pacheco, da Universidade Católica de Aveiro, reflectiu sobre as perspectivas bíblicas de «Habitar este mundo: do interior ou do exterior?»; e Salvador Pié-Ninot, da Faculdade de Teologia da Catalunha e da Universidade Gregoriana de Roma, olhou «o cristianismo» como «uma maneira de habitar o mundo»

Os participantes neste Colóquio internacional tiveram a possibilidade de visitarem várias paróquias da diocese do Porto, contactando com as suas estruturas e os seus movimentos, partilhando experiências e projectos, e de celebraram uma Eucaristia solene, presidida pelo Bispo do Porto, Dom Manuel Clemente, na Igreja de São Martinho de Cedofeita, que contou com a participação do Coro daquela paróquia e em que foi utilizado também o latim na oração eucarística e nas aclamações.

de conclusões gerais dos trabalhos. Antes de expor as conclusões sob a forma de três verbos, duas anotações prévias se impõem:

Aprende-se, em primeiro lugar, a falar em «nós». Estamos de facto habituados a discursos que comecem por «Nós». Quando se trata da Igreja, como do mundo, falar de «eu» ou «vós» sugere que falamos em termos de separação ou de distanciamento. Ora, nesta matéria, não há lugar para elaborar discursos que edifiquem separações, como se estivéssemos «de fora» do mundo e da Igreja. Desde que falamos da Igreja, a que pertencemos pela graça do nosso Baptismo, ou tratamos do mundo, a que pertencemos pela nossa humanidade, cabe-nos manter um discurso de responsabilidade.

nossas paróquias, mas também das pessoas e dos grupos, as três posturas seguintes:

OUVIR

Nestes dias falou-se muito de escuta. Com o verbo «escutar» indica-se, ou ao menos sugere-se, uma disposição de abertura activa do sujeito em direcção ao outro, uma vontade de aprender com os outros, um reconhecimento, ao menos implícito, da necessidade e da falta. Esta escuta, é conveniente pô-la em acção na relação com a Palavra de Deus - este Deus que nos fala no coração deste mundo. Importa escutar este «mundo» ou este «tempo», porque é no seio da história dos seres humanos que se inscreve a história do povo de Deus.

DISCERNIR

A escuta exige da nossa parte uma segunda postura, a de «discernir». Acabaremos por tirar proveito da nossa escuta. É preciso «reconhecer» o que devemos reter dessa escuta. Quais são os frutos da nossa escuta de outrem, de Deus, etc.? Tal é o discernimento que devemos operar para habitar o nosso tempo. O discernimento entende-se a partir daí como uma capacidade activa que nos é dada pela presença do Espírito. Este permite-nos reconhecer os sinais da presença do Senhor na história. Permite-nos descobrir as marcas que Deus inscreve na história da nossa humanidade. Este exer-

cício conduz-nos à descoberta maravilhosa de sermos reunidos como um povo, o povo de Deus

CAMINHAR

Igrejas, paróquia, cristãos que praticam o discernimento e reconhecem os sinais dos tempos são definitivamente conduzidos a imaginar as suas instituições na caminhada com todos os homens. É pelo menos a convicção que se retira claramente das trocas de experiências. Trata-se de rasgar estradas, de traçar caminhos ao longo dos quais Deus se dá a reconhecer como companheiro da nossa humanidade.

É assim que se faz a experiência duma Igreja itinerante, «peregrina». Os instrumentos para abrir estes caminhos são múltiplos e variados. Citamos sobretudo a diaconia, a cultura, a educação, a formação, a transmissão de valores, etc.

Foi esta dinâmica de «habitação» que se conseguiu descobrir melhor no Colóquio - neste tempo de convivialidade e de reflexão que foi o encontro destes dias.

Importa agora que «nos» preparemos para viver um outro tempo - o tempo «seguinte» - desta dinâmica, a saber, o tempo do envio, da missão. Porque é nos caminhos do mundo, no coração deste tempo, que o Ressuscitado nos precede.

MF / Ecclesia

Na sessão de encerramento, foram lidas as conclusões que, em sùmula, apresentamos, traduzidas a partir do original francês (as línguas oficiais eram o português, o espanhol, o francês, o inglês, o alemão e o flamengo, e mesmo o ucraniano, havendo tradução simultânea).

HABITAR CRISTAMENTE O NOSSO TEMPO

Ao longo do seu desenvolvimento - pelas intervenções dos conferencistas e as trocas de impressões nos grupos de trabalho - o Colóquio ofereceu a possibilidade de entrar em conjunto na compreensão do tema que importa agora explicitar em jeito

Em segundo lugar, o Colóquio ensinou que é conveniente explicitar a identidade cristã por verbos, mais que por substantivos. A imagem do sal, clara e forte, recorda-nos que o cristianismo é tanto uma graça como uma tarefa - Gabe und Aufgabe - para tornar este mundo mais «habitável». O cristianismo é, neste sentido, uma qualificação activa do nosso ser e do nosso agir que nos leva a transformar a realidade, a conduzi-la à sua plena realização.

TRÊS VERBOS

«Habitar cristamente o nosso tempo» requer das nossas realidades eclesiais, e em primeiro lugar das

SEJA MISSIONÁRIO COM OS FRANCISCANOS



Como pode colaborar com o trabalho dos Missionários Franciscanos?

- Em primeiro lugar pela oração e ajuda material, fazendo-se zelador ou associado da União Missionária Franciscana.
- Contribuindo para uma «Bolsa de Estudos», que pode ser oferecida de uma só vez ou em partes.
- Enviando esmolas de intenções de missas para serem celebradas nas missões. A celebração da Santa Missa nas missões ajuda à subsistência dos missionários.

- Ser assinante do MISSÕES FRANCISCANAS é também um modo de colaborar na difusão do espírito missionário franciscano.

Esperamos a sua participação!

MISSÕES FRANCISCANAS
Rua dos Mártires, 1 ▶ Apartado 1021 ▶ 2401-801 LEIRIA



IMPrensa MISSIONÁRIA



Encontram-se à vossa disposição nos locais habituais os nossos Calendários e Agendas para o ano de 2008. Faça já o seu pedido.



Caros amigos leitores:

No dia 27 do mês passado seguram para o Chimolo cinco leigos franciscanos que irão colaborar na área do ensino, de mãos dadas com as instituições que conosco têm parcerias. Por eles enviamos 200 intenções de missas, no valor de 1.500,00 Euros, para serem distribuídas pelas várias missões. Tais intenções recebemo-las nos últimos meses, destinadas às missões. Também do «Pão dos Pobres para as Missões» enviamos por eles 1.000,00 Euros para as crianças pobres.

No mês de Setembro faremos uma pausa nos trabalhos da nossa Administração, a fim de retemperar forças. No entanto, em caso de necessidade, sempre haverá alguém para atender o telefone, no horário de expediente.

E tenhamos presentes as Intenções missionárias para estes meses de Agosto e Setembro: «Para que a Igreja na China dê testemunho de uma coesão interna cada vez maior e possa manifestar a comunhão concreta e visível com o sucessor de Pedro» e «que, aderindo com alegria a Cristo, todos os Missionários e Missionárias salbam ultrapassar as dificuldades que encontram na vida de cada dia». Paz e Bem.

Frel Vitor Rafael, OFM